

SANCHES JUNIOR, Jefferson de Lara

*“A Encyclopedia viva da moderna cultura cafeeira no Brasil” – A Estação Experimental de Café de Botucatu e a ciência na cafeicultura nacional (1889-1945)*

São Bernardo do Campos: Editora da Universidade Federal do ABC, 2015.

LUÍS GUSTAVO MARTINS BOTARO

Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Estadual Paulista | UNESP (Assis)

156

Há uma gama de pesquisas voltadas para a produção cafeeira no Brasil. Estudos de diversas áreas e sob distintas perspectivas como econômica, a relação do café com a política nacional, e da produção de café com o incipiente desenvolvimento da econômica capitalista no país, a expansão das estradas de ferros e da urbanização do território paulista (criação de companhias ferroviárias e de cidades pelo interior do Estado de São Paulo). Mas o que há de novo no presente trabalho desenvolvido e publicado pelo selo da Universidade Federal do ABC? A pertinente questão que envolve política econômica e agrícola no Brasil do primeiro governo de Getúlio Vargas, na aliança pretendida entre economia, pressupostos científicos e tecnológicos voltados para a melhoria da produção de rubiácea que culminou com a criação da Estação Experimental de Café na cidade de Botucatu, escopo do trabalho do autor.

O presente trabalho é fruto da Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas na área de História da Ciência e da Tecnologia. Com formação em História, o autor percorre uma gama de documentos e acervos para o desdobramento de sua pesquisa, como aqueles encontrados na biblioteca da UNESP Botucatu (Faculdade de Ciências Agrônomicas), relatórios produzidos pela própria instituição experimental sobre os trabalhos que eram ali realizados, boletins do Ministério da Agricultura e ainda jornais da cidade de Botucatu que abordam uma discussão local sobre as expectativas da criação de uma instituição vinculada ao governo federal naquele centro urbano.

Ao indagar-se sobre as razões que levaram a criação da Estação Experimental de Café de Botucatu, o autor percorre um histórico das instituições de pesquisa no Brasil, principalmente a partir do início da República, desde aquelas voltadas para as ciências agrícolas quanto aquelas destinadas a saúde pública, por exemplo. Fato que não o impede de retornar alguns anos, como as transformações advindas com a chegada de Dom João VI ao Brasil no início do século XIX e o incipiente movimento de inauguração de instituições voltadas a pesquisa, como o Jardim Botânico no Rio de Janeiro. Ao buscar compreender o movimento de criação da Estação Experimental, o autor estabelece um paralelo entre os institutos de pesquisa criados pelo poder Federal (ou ainda monárquico) e aquelas criadas pela Província e posterior Estado de São Paulo. Afirma que com a política federalista de governo incorporada com o advento

da República possibilitou independência aos Estados. Neste sentido, o Estado de São Paulo maior produtor de café em uma aliança entre os interesses dos cafeicultores paulistas e a nova estrutura política de autonomia aos Estados permitiu a criação de institutos e centros de pesquisa em ciência e tecnologia com o escopo de aumentar a produção e comercialização da rubiácea.

O livro não escapa a discussão sobre política e economia visto que o autor tenta compreender as razões econômicas e científicas para a construção das instituições de pesquisa. Neste sentido, discorre a partir da leitura de documentos e bibliografia sobre as distintas políticas econômicas do período denominado Primeira República voltada para a defesa e valorização do café tanto em nível Federal quanto Estadual (lê-se São Paulo), que se transformaram e aperfeiçoaram com o passar dos anos até o primeiro Governo de Vargas, momento que se configura a criação da Estação Experimental de Botucatu.

Nesse interim Jefferson Sanches comenta as mudanças de orientações das secretarias (como a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo) e do Ministério da Agricultura no Governo de Getúlio Vargas em relação à política e defesa da agricultura cafeeira tanto no Estado de São Paulo quanto referente a união, identificando seus representantes e ligações com associações de classe, como a Sociedade Paulista de Agricultura, Sociedade Rural Brasileira. No correr das décadas, desde a Primeira República até o governo Vargas o autor pontua as relações conflituosas entre as associações (seus representantes cafeicultores, tanto aqueles detentores do grande capital com investimentos diversos quanto aqueles mais modesto do interior), as secretarias e o próprio Ministério frente as perspectivas referentes a modernização e aperfeiçoamento dos métodos de plantio da rubiácea.

A criação da Estação Experimental de Café de Botucatu é fruto da política de Getúlio Vargas. O autor identifica que já havia a discussão e interesse por parte do governo do Estado de São Paulo e de sua Secretaria da Agricultura da constituição de institutos desse porte pelo território estadual. Entretanto, somente na década de 1930 com a crescente crise econômica iniciada em 1929 que dificultava a política de crédito para compra de café por parte do governo, a alta concorrência de café oriundo de outros países (Colômbia, por exemplo), a necessidade de diversificação e modernização da agricultura que criariam as bases para a criação da Estação Experimental. Para Jefferson Sanches, além dos fatores a cima citados, a política centralizadora de Getúlio Vargas, que por meio do Departamento Nacional de Café toma para si o controle e a busca de soluções para a cafeicultura nacional, proporcionaram as condições necessárias para a criação da Estações Experimentais, como a primeira e específica para o café que se construiu na cidade Botucatu, mais especificamente na Fazenda Lageado.

Uma das questões que o autor aborda em seu texto é a razão da escolha da cidade de Botucatu para abrigar a primeira Estação Experimental de Café. A crescente concorrência de café de melhor qualidade que aquele produzido no brasileiro, deixa o produto nacional em posição inferior no mercado. Mesmo com a perspectiva de diversificação da agricultura e da economia com a incipiente industrialização, são criados órgãos pelo governo federal com especificidade de abordar questões relativas ao café, como o Departamento Nacional do Café, que passa a defender a importância de modernização e pesquisa para melhorar a produção da rubiácea nacional.

Nesta proposta a escolha da cidade de Botucatu para acolher a Estação Experimental de Café é baseada em alguns princípios: sua localização, como ponto nevrálgico para regiões ainda em plena expansão como a Alta Sorocabana, Alta Paulista, Noroeste e Norte do Paraná; parte dessas regiões estavam em processo de alargamento de fronteiras e com parcelas significativas de suas terras destinadas ao café; uma região de baixa qualidade em que se refere ao solo, as técnicas e práticas empregadas e também o café ali produzido, o tipo "duro" de propriedade inferior a outras regiões de São Paulo (Mogiana); necessidade de um espaço com estruturas e especificações para as instalações, encontradas na Fazenda Lageado; o acesso às vias de comunicação como estradas de ferro (Estrada de Ferro Sorocabana), rodovias e um suficiente sistema fluvial para o abastecimento da Estação.

Ao tomar também como fontes os boletins da própria Estação o autor faz um levantamento das atividades ali realizadas na década de 1930 e início de 1940, como experimentos e pesquisas no combate a erosão do solo, adubação, genética (seletividade de espécies resistentes e produtivas). Contudo, ressalta que a falta de recursos financeiros

comprometia a construção das instalações necessárias como ocasionava uma rotatividade de funcionários que comprometia os trabalhos. Sendo assim, o experimento que obteve maior destaque e esperança para os produtores de café foram os destinados a técnica de sombreamento, que causava uma discussão entre a classe produtora de café sobre os benefícios da mesmo para a produção.

Por todo o livro o autor não deixa escapar as peculiaridades e influencias daqueles que ocupavam as pastas como Ministérios e Secretarias e os desdobramentos nos direcionamentos das atividades, seja na política econômica ou na área de pesquisa. Neste sentido, destaca a figura de Fernando Costa que chega ao Ministério da Agricultura em 1937. Como consequência direta, as Estações Experimentais que até então eram responsáveis cada qual para um produto (Botucatu com o café, por exemplo), passa a atender a diversificação da agricultura para o interesse nacional, e no caso específico de Botucatu, o café passa a dividir atenção com outros produtos com potencial para a região.

A discussão que também perpassa o livro, política econômica x política agrícola (mais direcionada a pesquisa e tecnologia) também é ponto de “desfecho” da Estação Experimental de Café de Botucatu. Com o desdobramento da Segunda Guerra Mundial e a busca de aliados políticos, os Estados Unidos da América firmam acordos para compra de café, garantindo um mercado consumidor para o produto nacional. Com este cenário, os incentivos a pesquisa para melhorar a qualidade do café brasileiro acabam tornando-se “desnecessários”, inibidos com a política de valorização e comércio, mesmas circunstâncias da Primeira República: política econômica de valorização acaba por deixar em segundo plano aquelas voltadas a modernização, pesquisa e tecnologia para a produção agrícola.

O livro em questão aborda a temática do café no Estado de São Paulo a partir da perspectiva da técnica e da ciência e o desdobramento para uma cidade do interior paulista, a construção da Estação Experimental de Café de Botucatu na década de 1930. Com uma complexidade de temas, desde os primeiros passos para a criação de institutos de pesquisa no Brasil e a especificidade da Província e posterior Estado de São Paulo, as políticas econômicas para a valorização de café e o confronto com aquelas voltadas para a defesa da modernização e da tecnologia para a produção, as relações de classes produtoras e os direcionamentos das Secretarias e Ministérios, tudo isso baseado numa leitura densa de bibliografia e pesquisa numa gama variada de documentação.

No desdobramento do trabalho de Jefferson Sanches, a cidade de Botucatu é, de certa forma, pano de fundo da pesquisa e espaço que fora localizado e escolhido pelo corpo técnico do governo Federal para a instalação da Estação Experimental. O autor traz um breve histórico da cidade. Entretanto, há poucas informações da cidade no período abordados, a década de 1930. Botucatu já contava, por sua vez, com uma boa infraestrutura urbana, além da presença da Estrada de Ferro Sorocabana e suas estruturas ferroviárias. Os mapas que o autor traz em seu trabalho ajudam a esclarecer os motivos geográficos da escolha de Botucatu, e neste mesmo sentido, há uma carência de imagens que ajudem a identificar as estruturas urbanas que também contaram a favor de Botucatu para abrigar a instituição de pesquisa.

No balanço geral, o livro de Jefferson Sanches além de uma escrita objetiva e clara, mesmo com a complexidade e variedade de temas, é inovador e de grande serventia para diversas áreas da pesquisa, como para a História, Geografia, Ciência e Tecnologia, pois insere novos problemas, fontes e perspectiva para a discussão do café no Brasil e mais especificamente no Estado de São Paulo.